



Da possibilidade da graça e da desgraça diante da vulnerabilidade e da fragilidade humana à formação da graça originada da amizade social

From the possibility of grace and misfortune in the face of human vulnerability and fragility to the formation of grace originating from social friendship

Hélio Rafael Frazão Pereira

Resumo

Ao discorrer sobre a possibilidade da graça e da desgraça diante da vulnerabilidade e da fragilidade humana, percebe-se que a manifestação da graça se dá em diversos meios na vida humana. Contudo ela só é possível mediante o encontro que se desvela como graça. Sem esse encontro da Graça Original, que é Deus, com a Graça Originante, o ser humano, a Graça Originada, que irradia no mundo, não acontece. Assim, o ser humano – que vive a possibilidade da graça e da desgraça – é vulnerável, frágil e falível tem um caminho possível na vivência da Graça Originada que é a amizade social, superando os individualismos e uma mentalidade indiferente, sentindo-se e fazendo ser um “nós”. Na formação do sujeito, a educação para o diálogo e para o encontro é essencial, pois estes são pressupostos para a ação da graça no mundo, ocasionando a diminuição das desgraças e a elevação das graças. Tal perspectiva é consonante com a Carta Encíclica *Fratelli Tutti* sobre a fraternidade e amizade social, recentemente escrita pelo Papa Francisco.

Palavras-chave: Graça. Fragilidade. Vulnerabilidade. Fraternidade. Amizade Social.



Abstract

When discussing the possibility of grace and misfortune in the face of vulnerability and human frailty, it is clear that the manifestation of grace occurs in different ways in human life. However, it is only possible through the encounter that reveals itself as grace. Without this encounter of the Original Grace, which is God, with the Originating Grace, the human being, the Originated Grace, which radiates in the world, does not happen. Thus, the human being - who lives the possibility of grace and misfortune - is vulnerable, fragile and fallible, has a possible path in the experience of Originated Grace that is social friendship, overcoming individualism and an indifferent mentality, feeling and doing be a “we”. In the formation of the subject, education for dialogue and encounter is essential, as these are presuppositions for the action of grace in the world, causing the reduction of misfortunes and the elevation of graces. Such a perspective is in line with the Encyclical Letter Fratelli Tutti on fraternity and social friendship, recently written by Pope Francis.

Keywords: Grace. Fragility. Vulnerability. Fraternity. Social Friendship.

Introdução

Ao mesmo modo que o ser humano é causador da graça, o é também das desgraças, contudo é um ser frágil e vulnerável, suscetível à esta última. Deste modo, vive um drama da sua existência, o tensionamento entre a graça e a desgraça. Este drama também se revela quando se questiona: “Salve-se quem puder ou salvarmo-nos todos juntos?”

Neste íterim, este breve ensaio deseja trazer à discussão a possibilidade da ser graça no mundo a partir da vulnerabilidade e da fragilidade humana e encontrar um caminho desta na formação de uma amizade social.

Para tanto, em primeiro lugar, precisa-se analisar a manifestação da graça no mundo, que a classifica-se como Original, Originante e Originada como fundamentos de um novo modo de agir que a irradia. Posteriormente perpassa-se pela possibilidade do acontecimento da graça e da desgraça e a sua relação com a fragilidade e a vulnerabilidade, conceitos ontológicos e antropológicos. Por último objetiva-se compreender se a graça é possível a partir da vivência da unidade e da amizade social, fundamentadas no aspecto teológico da unidade.

1. A Manifestação da Graça como Original, Originante e Originada

Antes de adentrar propriamente ao tema da possibilidade da graça e da desgraça, é importante compreender o que é a primeira e como ela se manifesta no mundo. O teólogo brasileiro Leonardo Boff (1938-) oferece, em sua obra “*A Graça Libertadora no Mundo*”, algumas considerações para pensar a graça. Na sua visão, este termo quer manifestar a experiência cristã mais originária e original, de um lado, Deus que, em profundidade, tem uma simpatia e amor para com o ser humano, e “(...) por outro, do homem capaz de se deixar amar por Deus abrindo-se ele também ao amor e ao diálogo filial. O resultado desse encontro é a beleza, graciosidade, a bondade que se reflete em toda a criação, mas de modo especial no homem e em sua história”.¹

Nesta esteira, classifica-se a graça de três maneiras: a Original, a Originante e a Originada.

Em primeiro lugar, entende-se a Graça Original como sendo a origem de tudo, não só no sentido da criação, mas de onde vêm as demais graças. Esta nada mais é que o próprio Deus da Libertação – vivido pelo Povo de Deus no Egito, narrado no Livro do Êxodo –; o Deus da Aliança – experienciado pelo Povo de Deus no deserto, durante a caminhada para a Terra Prometida; o Deus criador – experienciado pelo Povo de Deus no Exílio da Babilônia. Este Deus Javé tem seu ápice quando se Revela como o Verbo de Deus encarnado, mencionado no Evangelho de João (Jo 1,1.14). Javé Deus chega ao seu esvaziamento total, em um movimento de *Kénosis*,² quando se faz humano, quando se encarna como humano.

Percebe-se, pois, que Deus Javé é um Deus simpático ao seu povo, e que o ama, doando-se totalmente. Deus tem amor pelos seres humanos a ponto de doar-se ao longo do tempo e da história. Deus é eterna doação. O máximo da sua doação, portanto, é a encarnação, quando Deus se faz humano igual aos humanos, semelhante a tudo, exceto no pecado. Esse movimento de *Kénosis* mostra Seu grande amor pelos seres humanos.

¹ BOFF, L., *A Graça Libertadora no Mundo*, p. 15.

² Normalmente pensa-se a *Kénosis* como “esvaziamento” de Deus, isto quer dizer que ela revela o amor absoluto de Deus, amor mais forte do que a morte e o pecado, e, finalmente, sua glória. “Esta *kénosis* não significa, em verdade, perder o próprio ser divino, mas sim assumir a condição humana, para comunicar, através dela, sua própria vida divina. Este dom implica, logicamente, na condição histórica que o Filho de Deus assume historicamente, um despojamento de si mesmo até o abismo da morte. Ao despojar-se de si mesmo, porém, não se aliena, mas sim manifesta aquilo que ele é com maior propriedade, como Deus: Amor, capacidade de dar-se, sendo assim plenamente ele mesmo (é o mistério da Trindade). Podemos dizer que o ponto mais alto deste despojamento, iniciado com a encarnação, se manifesta, segundo o testemunho dos sinóticos, no grito de abandono de Jesus na cruz”. CODA, P., *Encarnação*, p. 380.

A Graça Originante, por outro lado, mostra-se a partir dos seres humanos, que são capazes de deixar-se amar por Deus, abrindo-se a Ele, mas também aos outros humanos, ainda que dependentes da Graça Original. Essa capacidade de amar, no entanto, não é mérito, mas é uma capacidade dada por Deus, de tal forma que não se ama a Deus unicamente por forças próprias. Ama-se a Deus não como mérito, mas como graça. É o dom da liberdade existente no ser humano que também pode aceitar ou rejeitar o amor de Deus. Pela liberdade os seres humanos são capazes também de odiá-lo e de amá-lo, no entanto, necessitam da graça, pois é por graça d'Ele que o ser humano O ama.

Trazendo à baila um pensamento do Padre religioso canossiano Amedeo Cencini (1948-), percebe-se que há uma confluência quando menciona sobre a perfeição e a santidade. No seu pensamento, o ser humano que busca alcançar a graça de Deus não é um ser já perfeito, mas um ser miserável e vulnerável, que expõe a si, expõe suas desgraças, mas é aberto à graça de Deus. Enquanto a perfeição pela perfeição é unicamente conquista do sujeito, sendo considerada um egoísmo, a santidade é dom do alto, é a pobreza do ser humano que se esvazia e conta com Deus.³ Dessa ótica, a perfeição enquanto a busca pelo mérito consiste em fechamento, enquanto a santidade é uma abertura à graça de Deus, o que gera a Graça Originada.

Se a Graça Original consiste em Deus que se doa sempre mais aos seres humanos (Graça Originante), a Graça Originada é o resultado do encontro feliz destas duas graças. Desse modo, a Graça Originada é a graciosidade, a beleza e a bondade que se refletem na história. Por isso, a graça é encontro. Quando os seres humanos, Graça Originante, realmente se encontram com a Graça Original, tornam-se pessoas graciosas, belas, bondosas etc. Assim, a graciosidade, a beleza não ficam só no âmbito pessoal, mas na história das pessoas, na sociedade, sendo algo contagiante. Quem se encontra com Deus encontra relações. O mundo se torna belo, cordial, misericordioso, compassivo. Do contrário, a vida se torna desencontro e conseqüentemente desgraça.

Essa classificação da graça também traz a sua “temporalidade”, “historicidade”, mas também “eternidade”. No caso da Graça Original, ela é eterna, temporal e histórica, pois Deus se revela na história. Desde os momentos iniciais do Povo de Deus, narrados ao longo do Antigo Testamento, Deus vai se revelando na história, em momentos de graça para o seu povo. Já a Graça Originante é graça histórica e temporal, pois os seres humanos estão na história e no tempo, sendo e fazendo a história. E, por último, a Graça Originada se torna uma graça temporal que contagia, é construída no tempo e na história e está no âmbito das relações dos seres humanos. Nesse sentido, a graça é encontro e quer dizer a presença de Deus no mundo e no ser humano. Portanto,

³ CENCINI, A., A árvore da vida, p. 34-35.

Graça diz também abertura do homem para Deus; capacidade de se dimensionar com o infinito e de entabular um diálogo que lhe Conquista dia a dia sua humanidade e o premia com a deificação. Graça é sempre encontro na extrapolação de Deus que se dá e do homem que se dá. Graça é por natureza, o rompimento dos mundos fechados sobre si mesmos. Graça e relação, é êxodo, é comunhão, é encontro, é diálogo, é abertura é saída e história de duas liberdades e Encruzilhada de dois amores.⁴

Nesse sentido, começa-se a delinear algumas nuances da significação da palavra graça para compreender posteriormente a possibilidade do seu acontecimento. Em síntese, Graça Original junto à Graça Originante pode gerar uma civilização melhor quando há encontro, relação e diálogo, pois a própria graça é encontro, diálogo, abertura, como visto acima.

No entanto, também se lança a possibilidade de a Graça Originada acontecer, pois ainda que a essência de Deus seja a graça e que a “Graça é o nome para Deus mesmo, Amor para com, Simpatia para com outros diferentes dele”,⁵ o ser humano é possibilidade em sua existência, o que advém de sua própria constituição vulnerável e frágil, pois não é todo poderoso e nem puramente graça.

Portanto, ainda que a vida humana seja direcionada para a Graça Original e que possamos cada vez mais ser instrumentos da graça de Deus, originando e expandindo a Graça Originada na sociedade e na comunidade, muitas vezes, e em quase toda a nossa vida terrena, também presenciamos e sofremos com as desgraças. Se Deus, portanto, é graça, o que seria então a desgraça e qual a sua possibilidade de ocorrer? É o que veremos a seguir.

2. A Graça e a Desgraça como possibilidades diante da vulnerabilidade e da fragilidade

Anteriormente percebeu-se que a graça tem sua manifestação na história, ainda que a transcenda, por si mesma, atua na história. No entanto, nem sempre os seres humanos vivem somente momentos de graça, pois existem também momentos de desgraça. Isso se deve ao fato de que na história existem as duas coetâneas, a primeira sempre vem ameaçada da segunda. Em outras palavras, não existe história sem desgraças. Até porque o único lugar pleno de graça é o céu, onde se encontra plenamente com a Graça Original que é Deus, enquanto na história ela é possibilidade e dependente do encontro da Graça Original com a Graça Originante.

Haja vista essa concepção, percebe-se a possibilidade de a desgraça acontecer. E se anteriormente a graça significava encontro, a desgraça significa o contrário, o

⁴ BOFF, L., A Graça Libertadora no Mundo, p. 15.

⁵ BOFF, L., A Graça Libertadora no Mundo, p. 16.

desencontro. Nesse sentido, o ser humano é um ser vulnerável e frágil e, por isso, causador de desgraças quando não se encontra com a graça.

O filósofo hermeneuta francês, Paul Ricoeur (1913-2005), entende o ser humano como um ser falível, isto é, possível de cometer o mal e conseqüentemente a desgraça. Para Ricoeur, o mal é um desafio tanto à filosofia quanto à teologia e assim permanece como um mistério a nós, tal como a desgraça que ocorre. A desgraça, o mal, não ocorre fora das nossas realidades terrestres, mas dentro delas, dentro da história. Tal feito não revela uma visão fatalista de que a desgraça é predominante e é determinada a acontecer. Assim, o ser humano é

Conflituoso, é falível, ou seja, possui a falibilidade, a qual nada mais é que a possibilidade do humano falhar. É importante conceber que entre a possibilidade do mal e o acontecimento do mesmo existe um grande hiato, que só acontece por meio de sua liberdade”.⁶

A desgraça tem sua possibilidade mais próxima de acontecer quando há um fechamento próprio do ser humano no seu egoísmo. Na concepção de ser humano proposta aqui, ele é um ser em abertura. Pelo próprio caráter de ser pessoa, na sua subjetividade expressa relação, comunhão e intersubjetividade. Contudo, pode ser que haja fechamento egoísta quando não se encontra e não mais dialoga com outro.

Dessa maneira, um exemplo do fechamento pelo egoísmo é quando se olha para as ambições humanas, as quais se manifestam nas relações, podendo vir a ter três paixões desmedidas, que são o “ter”, o “poder” e o “valer”. Estas podem ser desgraças quando o “ter” significa querer possuir as coisas somente para si, que pode culminar no “poder” que, em um sentido estrito, poderia significar dominação na natureza, das coisas, dos outros seres humanos e até mesmo o “valer” como honra e distinção por aquilo que se tem e aquilo que se pode. Em certa medida, pode-se comparar ao pensamento do santo, filósofo e teólogo da patrística, Agostinho de Hipona (354-430), que entende o coração como inquieto,⁷ o qual é um coração desejoso, mas ao mesmo tempo frágil e conflituoso. Essa ânsia de ter, de dominar e de ser honrado, de modo errado, desmedido, sem consciência, já fez do ser humano um grande causador de desgraças, devido ao desencontro.

Enquanto Deus nunca causará desgraças, é admirável o fato de que ainda que a natureza as cause, ela raramente o faz, enquanto o ser humano é causador de muitas delas. A história dos seres humanos, por exemplo, é cheia de violência, de conflitos, de

⁶ PEREIRA, H. R. F.; MÜLLER, D. P., Desproporção e falibilidade como possibilidade do mal em Paul Ricoeur, p. 114.

⁷ AGOSTINHO DE HIPONA, Conf., I, I, 1.

guerras acontecidas entre os próprios humanos, muitas vezes devido às ambições já mencionadas, que revelam o fechamento.

O historiador israelense Yuval Noah Harari (1976-) menciona uma hipótese de que o *Homo Sapiens* teria eliminado várias outras raças, inclusive seu “adversário” *Neanderthal* – ambos pertencentes a mesma linguagem humana – por meio de conflitos. Inclusive menciona que é curioso o fato de que os *sapiens* chegassem a um lugar novo e a população nativa era extinta.⁸ Segundo o dramaturgo romano, Plauto (254 a.C.-184 a.C.), posteriormente retomado por Thomas Hobbes (1588-1679), filósofo moderno, o ser humano é o lobo do próprio humano.⁹ Isso vai revelando que a história é cheia de crueldade, o ser humano parece gostar de ser cruel, de fazer o outro sofrer, principalmente com os mais vulneráveis.

Tais reflexões conduzem a uma compreensão do ser humano falível, frágil e vulnerável, exposto às desgraças e, por vezes, voraz e cruel com o seu semelhante. Vulnerável é uma palavra latina, derivada de *vulnus*, a qual significa ferida, chaga, lesão. Ser vulnerável é estar exposto, o que significa abertura. Segundo o cardeal português José Tolentino Mendonça (1965-),

A razão da nossa vulnerabilidade assenta no fato de não nos ser possível fecharmo-nos por dentro: o ser humano é abertura. Logo, a nossa pele está exposta à ferida (ao *vulnus*). Logo, a nossa abertura representa a nossa comum vulnerabilidade”.¹⁰

Portanto, este ser humano é possibilidade e abertura, pois está “sempre dimensionado para, aberto para um poder-ser, estruturado não como um-ser-aí, mas como ex-istência; por isso vive sempre um encontro com o diferente dele mesmo”.¹¹ Todavia, nem sempre vive esse encontro com o diferente de si, sendo causador da desgraça.

Desse modo, vê-se que há uma dimensão existencial da desgraça, própria da possibilidade do seu acontecimento advinda pela liberdade e abertura humanas. Essa liberdade dada por Deus mostra a primazia própria do amor de Deus, que oferece a liberdade ao ser humano. A liberdade é uma expressão de amor, pois este não violenta, não oprime, não possui uma estrutura de poder. Ao mesmo modo, é pelo amor de Deus

⁸ HARARI, Y. N., *Sapiens*, p. 21-27.

⁹ Tomas Hobbes aborda esta temática na obra “Leviatã”, em específico quando fala da condição natural dos seres humanos que vivem em uma guerra de todos contra todos no capítulo XIII da primeira parte da obra. Ver mais em: HOBBS, T., *Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil*, p. 74-77.

¹⁰ MENDONÇA, J. T., *Sobre o Uso do Termo Vulnerabilidade*, p. 71-76.

¹¹ BOFF, L., *A Graça Libertadora no Mundo*, p. 16.

que o ser humano é fragilidade e vulnerabilidade, para que possa escolher por Deus. Contudo, Deus continua a pedir uma resposta da graça.

Por isso, quando os seres humanos não se encontram com Deus ocorre a desgraça, que nada mais é que fechamento e recusa do diálogo, inclusive com Deus. Esse fechamento não pode ser visto como força, pois é uma atitude defensiva de imaturidade, quando o sujeito não se abre à possibilidade de encontrar-se consigo mesmo, com os outros e, conseqüentemente, com Deus. O fechamento, nesse viés, não é força, mas fraqueza. Mais forte não é quem se fecha, mas quem toma iniciativa para o diálogo consigo, com os outros e com Deus.

A desgraça, além de ser um desencontro e fechamento, é recusa ao diálogo. Esse não pode ser visto como uma simples fala, uma conversa, mas é a capacidade que se tem, não inata, mas construída, de escutar a outra pessoa e colocar-se no lugar dela e falar o que ela gostaria de ouvir se eu estivesse no lugar dela. Todavia, isso nem sempre acontece, pois os seres humanos por vezes se encontram ensimesmados e autorreferentes.

Os termos autorreferente e ensimesmado têm sido uma grande temática no pensamento eclesial atual, sendo um dos grandes apelos da Igreja por meio do Papa Francisco (1936-). Segundo ele, alguém “que se fecha em si mesmo, que vive unicamente para si próprio, acaba (...) por ficar (...) cheio de autorreferencialidade”.¹² A cultura hodierna tem um aspecto muito egoísta, no qual os sujeitos olham unicamente para si sem considerar o diferente. Assim possui uma dose muito grande de narcisismo, na qual os sujeitos ficam contemplando a si próprios, ignorando os outros.

Nesse sentido, “os grupos fechados (...) autorreferenciais, que se constituem como um ‘nós’ contraposto ao mundo inteiro, habitualmente são formas idealizadas de egoísmo e mera autoproteção”.¹³ A desgraça do ensimesmamento e da autorreferencialidade, então, mostra-se quando uma pessoa, um grupo ou instituição acredita ser o único que pode salvar o mundo, ou a causa pela qual lutam, excluindo diálogo com os demais.

Ainda o Papa, ao comentar sobre quem é o próximo hodiernamente, a partir da parábola do Bom Samaritano, presente no Evangelho de Lucas 10,25-37, diz:

Que reação poderia provocar hoje essa narrativa, em um mundo onde constantemente aparecem e crescem grupos sociais que se agarram a uma identidade que os separa dos outros? Como isso afetaria aqueles que se organizam de maneira a impedir qualquer presença estrangeira que possa ameaçar sua identidade e suas estruturas autodefensivas e autorreferenciais?

¹² FRANCISCO, PP., Discurso Do Papa Francisco aos membros da Comunidade Católica Shalom em 04 de setembro de 2017.

¹³ FT 89.

Nesse esquema, fica excluída a possibilidade de fazer-se próximo, sendo possível apenas ser próximo de quem permite consolidar os benefícios pessoais. Assim o termo ‘próximo’ perde todo o significado, fazendo sentido apenas a palavra ‘sócio’, aquele que é associado para determinados interesses.¹⁴

Essas circunstâncias estão muito presentes e enraizadas na atual cultura histórica e social. Contudo, não há uma determinação da desgraça ou da graça, mas possibilidade da liberdade humana dada por Deus. Há a liberdade de poder escolher se se quer a graça ou a desgraça. Pode-se escolher se se quer um encontro ou desencontro; abertura ou fechamento; diálogo ou não, ensimesmamento ou comunhão. Percebe-se que o ser humano tem uma grande liberdade que não é infinita, mas grande. E, essa chance que tem, é de fazer diferente, pois, por mais que aconteçam as desgraças, a liberdade humana pode diminuir-las e aumentar as graças.

Sendo assim, constantemente o ser humano é ameaçado pela *desgraça*, correndo o risco de ser causador dela, em todas as instâncias da vida e das instituições. O ser humano não pode se dizer livre de desgraças, pois ela mesma é sempre uma ameaça. Ela independe do quanto se reza, do quanto se faz, pois o ser humano é sempre vulnerável e exposto à mesma.

Ao longo do tempo, especificamente no ano de 2020, a humanidade foi acometida por uma pandemia a nível mundial que afetou a todos os habitantes da Terra de uma forma ou outra. Nesse tempo, ficou evidente a vulnerabilidade de o ser humano ser acometido pela desgraça, não somente devido à exposição ao vírus da Covid-19, mas especificamente pelas atitudes tomadas durante esse tempo. Segundo Papa Francisco, a pandemia desmascarou

A nossa vulnerabilidade e deixa a descoberto as falsas e supérfluas seguranças com que construímos os nossos programas, os nossos projetos, os nossos hábitos e prioridades. Mostra-nos como deixamos adormecido e abandonado aquilo que nutre, sustenta e dá força à nossa vida e à nossa comunidade. A tempestade põe a descoberto todos os propósitos de “empacotar” e esquecer o que alimentou a alma dos nossos povos; todas as tentativas de anestesiá-los com hábitos aparentemente “salvadores”, incapazes de fazer apelo às nossas raízes e evocar a memória dos nossos idosos, privando-nos assim da imunidade necessária para enfrentar as adversidades. Com a tempestade, caiu a maquiagem dos estereótipos com que mascaramos o nosso “eu” sempre preocupado com a

¹⁴ FT 102.

própria imagem; e ficou a descoberto, uma vez mais, aquela (abençoada) pertença comum a que não nos podemos subtrair: a pertença como irmãos.¹⁵

Em outro sentido, a graça também pode significar proteção. Desse modo, se se está constantemente ameaçado pela desgraça, precisa-se da graça para termos proteção. Assim, cabe cada a um ser mais solidário, cuidando uns dos outros. Quão mais belo seria o mundo se as relações fossem verdadeiramente humanas.

Se a Deus cabe ser Ele mesmo, o Salvador, Deus não é autoritário, mas amoroso. Ele faz o movimento de *Kénosis* e se faz humano, a partir de sua encarnação, para também ser vulnerável, pois a graça implica modificação tanto de Deus quanto do ser humano,¹⁶ pois estabelece-se um diálogo, um encontro e um mútuo amor. Segundo Boff, “ambos são vulneráveis, por que a graça acontece no horizonte da liberdade, onde pode haver afloração do inesperado e gratuito bem como a degeneração por parte do homem, do fechamento e da recusa ao amor”.¹⁷ Portanto, a graça revela a estrutura que é própria do ser

¹⁵ FRANCISCO, PP., Momento extraordinário de oração em tempo de epidemia presidido pelo Papa Francisco em 27 de março de 2020.

¹⁶ Salienta-se que a modificação ou mudança aqui não se refere à essência ou aos atributos de Deus, mas no modo de esvaziamento que Deus se apresenta à humanidade, tendo sua expressão kenótica máxima quando assume a condição humana. Em primeiro momento, “A kênosis da Trindade na economia da salvação se dá de forma mais evidente e visível na encarnação do Filho, que renuncia a todos os atributos divinos para viver sua divindade na mais profunda humanidade, mas igualmente se dá no ato criador em que Deus Pai se retrai para dar espaço ao diferente dele que é a criação. A Deus, permitir que exista o diferente dele que é a criatura, e mais do que isso, que possa viver sua existência na liberdade, é sinal de autolimitação do Pai. O Espírito se faz kenótico em sua presença silenciosa, discreta e vivificante no universo e de modo todo particular no humano, sustentando-o e impulsionando-o para a realização plena. O Espírito se esconde para que se manifeste o outro, seja ele o Pai e o Filho, sejam os filhos adotivos que somos nós” (REINERT, J. F., Trindade, p. 134). Por outro lado, na visão dos padres da Igreja, como é o caso de Santo Atanásio, o Filho de Deus se fez humano para o humano fazer parte da vida de Deus (LACOSTE, J-Y.; Dicionário crítico de Teologia, p. 1611), “Para Atanásio, a salvação exigia que o divino, isto é, Deus, se unisse ao não-divino, isto é, a criação, inclusive a humanidade, para transformar o não-divino em divino mediante a graça. Essa participação do divino no humano garante a salvação (...)” (LORENZEN, L. F., Introdução à Trindade, p. 20). Portanto, Deus se apresenta *kenoticamente*, mostrando-se como humano-divino na Encarnação do Filho. Isso implica pensar a Trindade imanente (nas relações *ad intra*, em si mesmo, nas três pessoas da Trindade), mas também pensar a Trindade econômica (nas relações *ad extra*, o que significa a presença de Deus na historicidade). Assim, na encarnação e ressurreição de Jesus, Deus assume a natureza humana e traz para dentro da Trindade a natureza humana. Desta ótica, as relações de diálogo e amor são mais íntimas entre Deus-Trindade e o ser humano, uma vez que Deus ao assumir a condição de vulnerabilidade como ser humano, Deus não deixa de ser Deus nos seus atributos, na sua imutabilidade essencial, mas faz-se kenótico para trazer a humanidade para a Trindade, isso implica ser perfeita comunhão de Deus com o ser humano, mas também do ser humano enquanto inspirado a viver como a Trindade. Sobre este tema recomenda-se os capítulos 4, 5 e 7 da obra Trindade: mistério de relação de João Fernandes Reinert.

¹⁷ BOFF, L., A Graça Libertadora no Mundo, p. 29.

humano, ou seja, por um lado ele é desejoso de Deus, por sua natureza, e por outro é possível de rejeitar este mesmo Deus, que “deseja” a humanidade.

É preciso, nesse sentido, fazer um movimento de entrar em si, olhar para si, perceber o mistério do Ser para cuidar do próprio ser e do outro ser que está diante do si, pois quem está em si cuida, é solidário. Consequentemente, quem não está no Ser de Deus Javé, não se converte para o encontro da graça e as desgraças aumentarão, não por uma vontade de Deus, mas por chance da liberdade humana.

Deste modo, é preciso parar de culpar a Deus e perceber que o desastre, a desgraça, não é castigo de Deus. O ser humano deve tomar consciência de que é frágil, vulnerável e falível e que precisa constantemente de conversão, pois do contrário as desgraças estarão mais propícias.

Tal é o efeito da pandemia. Neste tempo havia grupos pregando que a pandemia estava na Bíblia ou que andavam sem máscaras confiando unicamente na providência de Deus. Isto não mostra uma busca pela conversão, pois não se tomava uma atitude de conversão. Caso houvesse gerar-se-ia o cuidado, o amor para com o próximo, todavia, preferiu-se justificar as desgraças por uma hermenêutica errônea da ação de Deus. A pandemia não é vontade ou castigo de Deus; as mortes não são vontade de Deus. Porém, Deus dá autonomia à criação e liberdade ao ser humano, de tal maneira que é preciso cuidado para que a desgraça não sobressaia à graça.

Nesse contexto, Deus fortalece o ser o ser humano para a sua conversão e quer que este tome consciência de si, principalmente da graça. Ele prefere que se tenha mais graça e menos desgraça, sendo presença d’Ele no mundo. Embora saiba que sempre existirão desgraças, Deus quer que essas diminuam, por isso continua a convidar o ser humano ao encontro e à comunhão. Deus convida o ser humano a ser parte desta graça, a envolver-se no mistério, a estar disposto a conviver e dialogar com Ele. Por isso, exercendo a sua esesidade, que é ser Graça Original, Deus convida o ser humano, Graça Originante, ao seu encontro e, consequentemente, gerar a Graça Originada no mundo e na sociedade.

Portanto, enquanto seres humanos falíveis, frágeis e feridos, se é convidado a viver esse drama da vida e da existência. A vida é um drama, um dilema, um paradoxo e um mistério de ser, ao mesmo tempo, agraciado e desgraçado, tensionando entre a graça e a desgraça. E assim, há sempre a possibilidade de escolher entre a graça e a desgraça.

3. A Graça da Fraternidade e Amizade Social: a Graça Originada que irradia para a formação de um “nós”

Diante da possibilidade da desgraça que gera também sofrimento, nos interpelamos a perguntar: onde está Deus? Onde está a graça? Entretanto, mais que isso, devemos perguntar: “onde estamos nós”? Talvez se deva seguir o exemplo do teólogo Jürgen Moltmann (1926-), o teólogo alemão da esperança, nos perguntando: como falar da graça, em meio à desgraça?

Moltmann, após a II Guerra Mundial, perguntava-se: “como não falar de Deus depois de Auschwitz?”. Naquele contexto, ele conheceu Jesus abandonado e clamando por Deus e percebeu que seria entendido por Ele, pois um Deus que conhece o sofrimento pode entender quem sofre.¹⁸ Talvez precisaríamos adaptar a pergunta para a atualidade: como não falar de Deus diante de tanto sofrimento? Onde está Deus diante de tudo isso? Onde estamos nós?

Em partes, o escritor russo Nikolai Berdyaev (1874-1948) pode ajudar a dar início a uma reflexão, abrindo a possibilidade de pensarmos a narrativa de Abel e Caim, presente no Livro do Gênesis (4,1-16), a partir de algumas questões:

Abel, o que você fez de seu irmão Caim? Você que é o bem; você que se sente do lado do justo, e que todos consideram o bem o santo (o agraciado) (a ponto de você mesmo estar convencido disto...), você que sofreu, como se diz por aí, a inveja (desgraça) do irmão estúpido: você que foi vítima de seu ódio violento e sanguinário... Que você fez por ele? Que você fez para não fazer nascer, antes, aquela violência ou para detê-la depois, ou para não descarregar, toda, sobre o seu irmão a responsabilidade daquele gesto? Até que ponto você se sente responsável por isso? (...) Você nunca ouviu falar da violência sutil dos justos?¹⁹

E cada ser humano, onde está? O que se faz para diminuir a desgraça? Enquanto seres humanos há a tentação de se sentir bom, agraciado, o melhor, mas não se pensa no quão desgraçados se é. Não se pensa no que fazer para diminuir as desgraças, e ajudar os desgraçados a serem graciosos, simplesmente lava-se as mãos diante do mundo, mostrando que também se é muitas vezes desgraçado. São perguntas fundamentais que levam a buscar cada vez mais o encontro com a Graça Original.

Esse encontro é diálogo, o que não significa somente falar, mas colocar-se no lugar da outra pessoa e compreendê-la. Diálogo não é somente falar, mas

¹⁸ WOLFART, G., Moltmann, o maior teólogo cristão vivo, p. 33-35.

¹⁹ BERDJAEV *Apud* CENCINI, A., A árvore da vida, p. 202.

saber entrar no mundo do outro. O filósofo hermeneuta alemão Hans-Georg Gadamer (1900-2002) entende que o diálogo é justamente essa capacidade de compreender e fundir os horizontes, de se entender e entrar na experiência do outro, proporcionando o entendimento e a compreensão. Segundo ele, “a fusão se dá constantemente na vigência da tradição, pois nela o velho e o novo crescem sempre juntos para uma validade vital, sem que um e outro cheguem a se destacar explicitamente por si mesmos”.²⁰

Hoje são poucos os diálogos autênticos, pois existem muitos monólogos paralelos. Existe muita gritaria, muita fala, mas não se tem diálogo. Percebe-se que pouco ou quase nada se educa para o diálogo. Assim, todas as ordens vêm de cima, todas as falas são voltadas para aceitar o que foi proposto, ou melhor dizendo, “imposto”. O trabalho é um exemplo, o sujeito sai para trabalhar, o patrão manda e o sujeito obedece, assim como em tantos outros contextos hierárquicos, inclusive no ambiente eclesial. Esses vão desvelando a própria falibilidade e fragilidade do ser humano que se pauta na autorreferencialidade.

As instituições, as pessoas, vão aos poucos se tornando desgraça, pois não sabem abrir-se ao encontro e muito menos ao diálogo. Por isso, há um afastamento da Revelação de Deus que é diálogo com o humano na história. É interessante pensar como o rabino polonês Abraham Heschel (1907-1972): “a Bíblia é antes de tudo, não uma visão que o homem tem de Deus, mas a visão que Deus tem do homem. A Bíblia não é a teologia do homem, mas a antropologia de Deus, que se ocupa do homem e do que ele requer, mais que da natureza de Deus”.²¹ E uma visão que Deus tem do homem é elevá-lo à sua dignidade plena, relevando a sua liberdade de diálogo para com o outro, para consigo e para com Deus.

Assim, a Revelação se mostra no amor para com a humanidade e conseqüentemente comunica e dialoga na história, chamando o ser humano à comunhão. Assim como na Constituição Dogmática *Dei Verbum*: “mediante esta revelação, portanto, Deus invisível (...), levado por Seu grande amor fala aos homens como a amigos (...), e com eles se entretém (...) para os convidar à comunhão consigo e nela os receber”.²² Portanto, a Revelação de Deus não é autoritária, mas participativa, dialógica, é autodoação e autocomunicação.

Desta maneira, é preciso “viver de uma centralidade cristológica: sair de nós mesmos e procurar em Cristo aquela água que sacia a nossa sede, vencendo a

²⁰ GADAMER, H-G., Verdade e Método, p. 457.

²¹ HESCHEL, A. J., Deus em busca do homem. p. 253.

²² DV 2.

tentação da autorreferencialidade que tanto nos adoece e tiraniza”.²³ Por isso, um dos deveres na diminuição das desgraças e elevação das graças é educar-se para o diálogo, que é encontro e, portanto, graça.

O Papa Francisco tem insistido em uma cultura do encontro²⁴ para a superação dos individualismos e da globalização da indiferença,²⁵ pois são desencontros que conduzem a diversas expressões de desgraças na humanidade. Para Francisco, dialogar significa aproximar-se, expressar-se, ouvir-se, acolher-se, conhecer-se, esforçar-se por entender-se, procurando fazer pontes uns com os outros. Para nos encontrarmos e ajudarmos mutuamente, precisamos dialogar.²⁶ É fácil perceber como Francisco exorta a todos a serem propagadores da Graça Originada a partir do diálogo, pois entre a indiferença egoísta e o protesto violento, no qual incluem-se as guerras, há sempre uma opção possível, isto é, o diálogo.²⁷

Nesse sentido, diminuir as desgraças e aumentar a graça significa encontrar-se. Isso não significa somente estar em contato um com o outro, mas fazer-se um, fazer-se irmão. No fundo é a oração de Jesus: “para que todos sejam um” (Jo 17,21). É a vivência de São Francisco de Assis: “todos irmãos”. É perceber que se precisa viver um “novo sentido de unidade da família humana, que conduz à solidariedade e ao compromisso sério por uma vida digna”.²⁸

É fato que é necessário começar a viver uma cultura do encontro, na qual todos se sintam e sejam de fato irmãos. Falar de cultura do encontro “significa que, como povo, somos apaixonados por querer encontrar-nos, procurar pontes de contato, construir pontes, planejar algo que envolva a todos”.²⁹ Portanto, na redução das desgraças, o ser humano ocupa um papel essencial, pois – ainda que a graça, na sua plenitude, sem a ameaça da desgraça, seja encontrada somente no céu – tem uma oportunidade de escolher pela graça que é diálogo, que é encontro.

Reduzir as desgraças implica gerar processos de encontro, que superem os individualismos, fazendo perceber as diferenças, mas continuar amando. Segundo o Papa Francisco, deve-se “reconhecer, valorizar e amar todas as

²³ MENDONÇA, J. T., Elogio da Sede, p. 72.

²⁴ EG 220.

²⁵ EG 54.

²⁶ FT 198.

²⁷ FT 199.

²⁸ FT 205.

²⁹ FT 216.

pessoas, independentemente da sua proximidade física, do ponto da terra em que cada uma nasceu ou habita”.³⁰

Assim, o individualismo, que é uma falsa compreensão do homem, acaba se tornando uma desgraça devido ao autorreferencialismo. Para diminuir essa questão é preciso ser comunidade, fazer-se um com o outro, pois “não existem duas consciências, uma individual (eu) e outra social (nós). Há uma consciência só, que se constitui, se elabora, se expressa sempre dentro de um nós, de um convívio e de uma con-munidade. (...) O eu é sempre habitado pelos outros”.³¹ Francisco ainda recomenda que

Ninguém pode enfrentar a vida isoladamente (...) precisamos duma comunidade que nos apoie, que nos auxilie e dentro da qual nos ajudemos mutuamente a olhar em frente. Como é importante sonhar juntos! (...) Sozinho, corres o risco de ter miragens, vendo aquilo que não existe; é junto que se constroem os sonhos. Sonhemos como uma única humanidade, como caminantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que nos alberga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos.³²

Sendo assim, a fraternidade e a amizade podem ajudar a diminuir as desgraças e a elevar as graças, de tal maneira que se forme o encontro da Graça Original e da Graça Originante gerando a Graça Originada. A amizade faz cada um questionar-se: se o outro faz parte de mim, assim como eu faço parte do outro, por que cometer alguma desgraça com ele?

A amizade supõe a unidade, seja nos afetos e nos valores comuns e se alimenta pela mútua presença e proximidade. A amizade é graça, pois é encontro, é união, é também diminuição da desgraça. Assim como “a amizade entre Deus e o homem é divina, trata-se, portanto, de uma amizade perfeitíssima, de suma união implicando a presença de Deus na vida do homem justo e bom”,³³ a amizade entre os seres humanos é meio para alcançar a graça e formar a Graça Originada.

Essa não deve ser como em uma teoria hobbesiana, na qual os sujeitos se agrupam em estado para sua proteção, mas deve-se pautar numa amizade verdadeira, de fundamento cristológico, pois “a amizade perfeita, portanto, se articula no espaço cristológico e eclesiológico; Deus se faz presente através destas mediações históricas que Ele privilegiou e de tal forma se faz presente

³⁰ FT 1.

³¹ BOFF, L., *A Graça Libertadora no Mundo*, p. 172.

³² FT 8.

³³ BOFF, L., *A Graça Libertadora no Mundo*, p. 244.

que produz uma elevação ontológica do homem”.³⁴ Dessa maneira, o ser humano, por meio da graça de Deus, deve ir ao encontro da graça, diminuindo a sua possibilidade de falha, a qual também possibilita a desgraça.

Nesse sentido, quando se vive o encontro da Graça Original com a Graça Originante, o ser humano vive a afeição pelo Mistério divino e conseqüentemente a realidade toda vai se transfigurando. Viver de fato o encontro propicia a vivência da amizade e da fraternidade, o que ocasiona a formação de uma comunidade na qual todos se sentem irmãos e podem auxiliar-se uns aos outros na formação da Graça Originada, que culmina em um novo modo de ser, irradiando a graça em todos os ambientes possíveis. Isto “nos permite ter uma visão comunitária, afirmar a comunhão de dois que dizem ‘nós’ e não mais apenas ‘eu’. Eu vivo com os outros, moro com os outros, trabalho com os outros, regozijo-me com os outros, sofro com os outros”.³⁵ Assim, a vida se torna como o pensamento do poeta brasileiro Vinícius de Moraes (1913-1980): “a vida é a arte do encontro embora haja tanto desencontro pela vida”.³⁶

Conclusão

Haja vista a problemática inicial que intentava discutir sobre a possibilidade da graça e da desgraça no mundo a partir da vulnerabilidade e da fragilidade humana, buscando encontrar caminhos de graça na diminuição das desgraças, podem-se inferir as seguintes conclusões.

A graça é manifestada no mundo através do encontro da Graça Original (Deus) com a Graça Originante (humanidade), sendo gerador de Graça Originada, que significa a harmonia, a beleza, a bondade, a fraternidade. Dessa ótica, graça é encontro.

Todavia, a graça, no mundo, é sempre ameaçada da desgraça. Ao mesmo tempo que o ser humano é passível de cometer e de sofrer a desgraça devido a sua fragilidade e vulnerabilidade, é possibilidade de encontro, gerando a graça. Com isso, na diminuição das desgraças e na elevação das graças, a fraternidade e a amizade social se tornam essenciais, pois fazem o ser humano ser parte um do outro, vivenciando a unidade.

A vivência da unidade é a essencialidade da vivência do Evangelho de Jesus Cristo. Desde o Antigo Testamento, Deus Javé reúne o seu povo em comunidade, posteriormente Jesus Cristo forma comunidade com os seus discípulos. O exemplo dos Atos dos Apóstolos é a vivência da fraternidade em sua máxima expressão. A

³⁴ BOFF, L., *A Graça Libertadora no Mundo*, p. 246.

³⁵ BIANCHI, E., *Nós, os outros e o sentido da vida*.

³⁶ MORAES, V.; P. B., *Samba da Bênção*. 1967.

comunidade dos discípulos, na Igreja nascente, revela que estes viviam em perfeita comunhão, “eram um só coração e uma só alma” (At 4,32), eram perseverantes na doutrina dos apóstolos, na comunhão, no partir do pão e nas orações, entre eles não havia necessitados.

A fraternidade vivida na sua máxima expressão revela a graça do encontro, pois apesar dos desencontros da vida, ela é a arte do encontro. Embora haja desgraças, precisa-se, pois, ser graça, contribuir com a Graça Original para fundamentar a Graça Originada. Deus quer que sejamos filhos seus, o que quer dizer que somos irmãos e irmãs na casa do Pai. Viver a Fraternidade é expressar a graça e conseqüentemente reduzir as desgraças.

Em tempos de pandemia e pós-pandemia na qual se desvelaram várias crises, inclusive conflitos armados em vários lugares do mundo, a perspectiva da vivência do diálogo e da fraternidade pode ser fundamento de uma verdadeira amizade social que contribui para a originação da graça no mundo.

Referências bibliográficas

AGOSTINHO DE HIPONA. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1984.

BIANCHI, E. **Nós, os outros e o sentido da vida**. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/619305-nos-os-outros-e-o-sentido-da-vida-artigo-de-enzo-bianchi>>. Acesso em: 07 jun. 2022.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BOFF, L. **A Graça Libertadora no Mundo**. Petrópolis: Vozes, 1976.

CENCINI, A. **A árvore da vida**: proposta de modelo de formação inicial e permanente. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Dei Verbum* sobre a Revelação Divina. In: CONCÍLIO VATICANO II: **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 119-140.

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica Fratelli Tutti sobre a Fraternidade e a Amizade Social**. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO, PP. **Discurso do Papa Francisco aos membros da Comunidade Católica Shalom. 04 de setembro de 2017**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/september/documents/papa-francesco_20170904_comunita-cattolica-shalom.html>. Acesso em: 04 jun. 2022.



FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***. São Paulo: Paulus / Loyola, 2013.

FRANCISCO, PP. **Momento extraordinário de oração em tempo de epidemia presidido pelo Papa Francisco em 27 de março de 2020**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200327_omelia-epidemia.html>. Acesso em: 04 jun. 2022.

GADAMER, H-G. **Verdade e Método**. Petrópolis: Vozes, 1997.

HARARI, Y. N. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. Porto Alegre: L&PM, 2019.

HESCHEL, A. J. **Deus em busca do homem**. São Paulo: Arx, 2006.

HOBBS, T. **Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

LACOSTE, J.-Y. (Dir.). **Dicionário crítico de Teologia**. São Paulo: Paulinas / Edições, 2004. p. 1611.

LORENZEN, L. F. **Introdução à Trindade**. São Paulo: Paulus, 2002.

MENDONÇA, J. T. **Elogio da Sede**. São Paulo: Paulinas, 2018.

MENDONÇA, J. T. Sobre o Uso do Termo Vulnerabilidade. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa**. Lisboa, Portugal, v.1, n.62, p. 71-76, ago. 2021. Semestral. Disponível em: <<https://www.fd.ulisboa.pt/wp-content/uploads/2021/10/Jose-Tolentino-de-Mendonca.pdf>> Acesso em: 04 jun. 2022.

MORAES, V.; POWELL, B. Samba da Bênção. 1967. In: GAÚCHA ZERO HORA. **O que diz a canção “Samba da Bênção”, de Vinicius de Moraes, citada pelo Papa Francisco em Encíclica. Pontífice publicou documento com críticas ao sistema econômico mundial**. 04 out. 2020. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/musica/noticia/2020/10/o-que-diz-a-cancao-samba-da-bencao-de-vinicius-de-moraes-citada-pelo-papa-francisco-em-enciclica-ckfvgk9s1001m012tjrsxx6ge.html#:~:text=A%20m%C3%BAlica%20foi%20composta%20por,no%20item%20215%20do%20texto>>. Acesso em: 06 jun. 2022.



ISSN 2763-9762

DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.TeoP.2763-9762.2022v2n4p219

PEREIRA, H. R. F; MÜLLER, D. P. **Desproporção e falibilidade como possibilidade do mal em Paul Ricoeur**. Porto Alegre: Editora Fi, 2021. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1ZhTiXsWN9WVPH5FovFHyz0Ls6Xl6uMTn/view>>. Acesso em: 04 jun. 2022.

REINERT, J. F. **Trindade: mistério de relação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2021

CODA, P. Encarnação. In. PIKAZA, X; SILANES, N. **Dicionário Teológico o Deus Cristão**. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 374-383.

WOLFART, G. Moltmann, o maior teólogo cristão vivo. IHU On-Line: **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, Edição 281, p. 33-35, 10 nov. 2008. Disponível em:

<<https://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao281.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2022.

Hélio Rafael Frazão Pereira

Graduando em Teologia pela Faculdade de Teologia e Ciências

Humanas - ITEPA

Passo Fundo / RS – Brasil

E-mail: heliopereira1223@hotmail.com

Recebido em: 30/07/22

Aprovado em: 22/11/22